

CÍCERO: ‘DO MELHOR GÊNERO DE ORADORES’ EM TRADUÇÃO

Reina Marisol Troca Pereira

Universidade da Beira Interior, Portugal

rmtpt@ubi.pt

RESUMO

Este artigo apresenta duas secções. Primeiramente, algumas considerações sumárias relativas a um prefácio ciceroniano à tradução latina de dois magistrais discursos gregos, apresentados no século IV a.C. Da tradução latina nada resta e quiçá nunca tenha sido elaborada. Quanto ao prefácio, inclui-se no rol de produções do Arpinate respeitantes à retórica. Por fim, segue-se a tradução do texto latino.

Palavras-chave: oradores; Grécia; discursos; retórica; tradução.

ABSTRACT

This article has two sections. First, some brief considerations of the Ciceronian introduction to a Latin translation of two masterful Greek speeches, presented in the 4th century B.C. From the Latin translation nothing remains and perhaps it never has been drawn up. The preface is included in the list of productions of the Arpinate relating to rhetoric. Finally, this paper presents a translation of the Latin text.

Keywords: speakers; Greece; speeches; rhetoric; translation.

I.

Apresenta-se, neste artigo, não mais do que um breve introito ao prefácio ciceroniano, de igual modo introdutório, o qual antecede um exercício de tradução, a que se propõe o literato latino. Tratava-se, designadamente, de transladar para a língua do Lácio duas *orationes* helénicas decorrentes de um mesmo episódio¹, *viz.*, uma de Demóstenes (Ἑπὲρ Κτησιφώντος περὶ τοῦ Στεφάνου – *Pro Ctesiphonte De Corona*) e outra de Ésquines (Ὁ κατὰ Κτησιφώντος Λόγος – *De Ctesiphonte*). A respeito da obra que o opúsculo

¹ Vd. Biddle 1881: V-XVIII.

conhecido pelo título *De Optimo Genere Oratorum*, ora em apreço, precede, nada parece haver remanescido de forma a suscitar qualquer comentário, além de uma datação aproximada (c. 46 a.C./44 a.C), estabelecida mormente por dois marcos sob temática similar, a saber, *Brutus* e *De Oratore*. De todas as obras que versam matéria idêntica, há que realçar a preocupação de certo modo eclética, por parte do Arpinate, sentida na recolha de elementos das escolas ática, ródia e asiática. Visava expor a sua posição face ao assunto da eloquência/oratória, assim como a respeito da técnica de tradução que seguia². Procurava-se, numa altura de manifestos extremismos de influências tidas como bárbaras (e.g. helenistas, orientais) e exóticas, alcançar um *genus medium* (vd. Quint. 12.10.18, a propósito do estilo ródio. Cf. Antísth.) equilibrado com as tradições pátrias decorrentes dos antigos costumes, numa linha de apropriação seletiva da contaminação de modelos exteriores³ Tece, para tanto, algumas considerações críticas, numa atitude de defesa e resguardo⁴, afastando-se, em termos pessoais, por um lado, de títulos de purismo, sobriedade, rudeza, simplicidade, mas igualmente de uma elegância de realçar. Constatavam-se tais marcas, de forma linear, no aticismo extremado de Lísias, aceite como paradigma de um estilo avesso a arcaísmos, estrangeirismos e neologismos inusitados, face ao padrão normativo de uma língua e de um estilo discursivo. Ademais, Cícero delimita períodos relativamente ao estilo ático como um todo, com o qual se encontrava, na generalidade, associado, à semelhança de um considerável número de romanos, que se autodenominavam áticos, pese embora afastados dos cânones dos séculos V a.C. e IV a.C. (vd. pseudoáticos. Cf. Licinius Caluus). Assim também, distancia-se da elaboração magnificente, exuberante, teatral e do empolamento decorativo, no vértice asiático seguido pelos oradores romanos (e.g. Hort., **Dionysiae saltatriculae cognomento**, apud Gell. 1.5), ainda que, caso utilizadas as técnicas de adorno com harmonia e moderação, estas se traduzissem num aspeto positivo⁵.

² Vd. Seele 1996.

³ A propósito do melhor género de eloquência (*Quinam igitur dicendi est modus melior*), vd. Cic. *de Orat.* 3.37-49, 91-100, 184 (cf. Theophr.) e *Orat.* 172, 228, sobre os vários estilos. Cf. Cecílio Calactino (vd. Quint. *Inst.* 9.1.10), respeitante à distinção entre os estilos asiático (cf. Cic. *Brut.* 325), seguido por oradores como Graco e Rufo, e ático (cf. Cic. *Orat.* 7.23). Vd. Dominik 1997; Pernot 2000.

⁴ De facto, as posições face ao(s) estilo(s) ciceroniano(s) não reúnem consenso. De um lado, vozes críticas que o inseriam entre os asiáticos, com as repetições e exuberância formal (em palavras e atos excessivos, donde a conotação pejorativa de *mollis*, 'efeminado', *fractus*, *elumbis*. Cf. Quint. 12.10.12-13; Tac. *Dial.* 18.4-5). Vd. Dominik 2000: 88.

⁵ cf. Cic., *Brut.* 325, a respeito de duas linhas de discurso no âmbito do estilo asiático: *Asiaticae dictionis duo sunt*.

Contrariamente ao que pode induzir o título, por certo atribuído posteriormente por editores, as linhas ciceronianas não discorrem apenas sobre o «melhor tipo de oradores». Advém, pois, da necessidade sentida em desfazer um erro comum – o de contemplar, na abordagem da eloquência, a sua suposta partição em géneros, à semelhança da poesia. Com efeito, no entender de Cícero, a eloquência distingue-se apenas numa gradação de proximidade relativamente ao desejado estado de perfeição⁶ no alcance da proficiência em *docere, delectare, mouere*. Outrossim, os autores devem diferenciar-se quanto ao talento demonstrado e não em termos de género⁷. Passadas as considerações teóricas gerais, o orador latino concretiza o *exemplum perfectum* nos oradores áticos, modelos a seguir, para alcançar a verdadeira excelência. E de entre esses, com o prefácio liminar, Marco Túlio separa Demóstenes e Ésquines⁸ como padrão, contrariamente aos esperados Tucídides (criticado, não pela sua faceta de historiador, mas antes enquanto orador)⁹, Platão ou Isócrates. Porque não existe ninguém que concretize o estado de absoluta perfeição (cf. *Or. 7: qualis fortasse nemo fuit*), Demóstenes apresenta-se como o *testimonium* mais próximo dessa meta. Encobertos por uma capa de antagonismos oratórios, os discursos de ambos os oradores selecionados digladiam rivalidades políticas no apoio e no ataque, respetivamente, de uma figura instrumentalizada como motor de promoção de uma contenda que não se limitava à esfera retórica, mas refletia inimizades políticas. Eis, pois, o pormenor da coroa de mérito, como forma tradicional de agraciamento cívico¹⁰ sugerido, no ano de 336 a.C., sob proposta de Ctesifonte, a benefício de Demóstenes, com base em desempenhos de ἀρετή e ἀνδραγαθία, conforme denota Ésquines (3.49):

λέγει γὰρ οὕτως ἐν τῷ ψηφίσματι· «καὶ τὸν κήρυκα ἀναγορεύειν ἐν τῷ θεάτρῳ πρὸς τοὺς Ἕλληνας ὅτι στεφανοῖ αὐτὸν ὁ δῆμος ὁ Ἀθηναίων ἀρετῆς ἕνεκα καὶ ἀνδραγαθίας», καὶ τὸ μέγιστον· «ὅτι διατελεῖ καὶ λέγων καὶ πράττων τὰ ἄριστα τῷ δήμῳ».

«Com efeito, ele afirma no seu decreto: «E o arauto deve anunciar aos helenos, no teatro, que o povo de Atenas o coroa pela sua virtude

⁶ Vd. Princípios de eloquência contemplados por Cícero (e.g. *De Inuentione, De Oratore*): *inuention, dispositio, memoria, elocutio, actio*. Cf. Shunmugam 1965; Lausberg 1993.

⁷ Vd. Jahn 1886: 15-72. Cf. Quint. *Inst.* 12.10.1: *superest ut dicam de genere orationis*.

⁸ Sobre as críticas à estratégia retórica de Ésquines, ao seu posicionamento político; aos seus discursos, designadamente contra Timarco e Demóstenes, e a associação que procura expressar, entre os perigos da retórica, o seu uso marcado pela imoralidade e prevaricação, vd. Usher 1998: 280-282; Preus 2012.

⁹ Seguindo o mesmo raciocínio lógico, não passam despercebidas as críticas de que Cícero foi objeto, enquanto poeta (e.g. *Catul.* 49).

¹⁰ Vd. Liddel 2007: 174-75; Harris 1985.

e excelência cívica» e sobretudo «porque fala incessantemente e faz o melhor pelo povo.»»

Assim, dá azo à interposição de um processo (γραφῆ παρανόμων), por parte dos apoiantes da anexação aos macedónios. Ainda que desfasada no tempo, a causa chegaria ao debate jurídico seis anos depois (330 a.C.), na forma de dois discursos. Marcado pelo espírito patriótico, o egotismo que perpassa afigura-se como uma engenhosa via de *captatio benevolentiae* perante um público ateniense devastado por desastrosas investidas contra os Macedónios¹¹.

Refletindo traços de helenização, Cícero aproveita *exemplaria* gregos de *testimonia* representativos do patamar mais elevado de eloquência que pretendia para apresentar modelos a seguir, porém sem um mimetismo absoluto. De facto, na tradução que se propõe efetuar, impõe limites à atividade, sem abraçar a versão *ipsis uerbis* e dando destaque às ideias, em detrimento do número de vocábulos. A bem ver, todo o trabalho de versão é igualmente um labor discursivo (*Opt. Gen.* 5). Com efeito, não se resumindo as línguas a meras nomenclaturas, e enformando os sistemas semióticos primários uma relação arbitrária com o real, importa avaliar os sentidos para, respeitando tanto quanto possível os vetores formais do original, recodificar a matéria semântica.

O *libellum* introdutório do Arpinate alcança a hodiernidade através de códices, tanto do século XI, como do século XV, *viz.*, *codex Sangallensis* 818 (G); *codex Parisinus* 7347 – *quattuor codicum diuersi argumenti reliquias continet*, fol. 11r – 13v (P). Outrossim, *Codex Vitebergensis - nunc Halensis* Yg24 (f); *Codex Gudianus 38 bibliothecae Guelferbytanæ a Achuetzio*; e *folia: Brutum* fol. 142r-144v – *libellum de o. G. o. continet* (g); *codex Ottobonianus* 2057 (O); *codex Ottobonianus* 4449 (o); *codex Ottobonianus* 1996 (ω); *codex Parisinus* 7704 (T); *codex Vaticanus reginensis* (r).

A composição ciceroniana que seguidamente se traduz demonstra haver sido provavelmente redigida de forma apressada, pouco cuidada, não apurada e sem revisão final. Julgam-se, para o efeito, omissões vocabulares, ou, no inverso, repetições; brevidade e condensação extrema destinada a um assunto nada linear, entre outros aspetos de destaque¹². Na realidade, duvida-se do percurso seguido pela sua circulação, quiçá tardia (cf. *editio princeps*, de forma autónoma, em 1551 – M. T. Ciceronis, *De optimo genere oratorum Liber Achillis Statii Lusitani in eundem commentarii Lutetiae*, apud Vascosanum), já que não aludida noutras fontes literárias, tanto do autor, como externas. Se Cícero terá

¹¹ Vd. Champlin 1850: VII-XII. Cf. Whitehead 1993.

¹² Cf. Hendrickson 1926.

alguma vez realizado a tradução a que se propunha ou quais os motivos que o teriam levado a abandonar o projeto são aspetos que ficam sem resposta conclusiva. Ademais, estará porventura o leitor de *De Optimo Genere Oratorum* diante de um mero bosquejo preparatório da obra subsequente, já de maior folgo e envergadura, não obtendo por parte do autor o zelo esperado, caso lhe fosse dada grande difusão – eis uma hipótese.

A tradução¹³ que se aduz seguidamente recorre à manutenção, tanto quanto possível, da ordem discursiva empregue pelo autor, ainda que confira primazia à informação, sempre que o texto original se revela confuso, demasiado denso ou omissivo. A lição de base é a fornecida por E. Hedicke (1889), *M. Tulli Ciceronis libellus de optimo genere oratorum*. Soraviae Lusatorum, J. D. Rauert, uma vez ponderadas as considerações preambulares expressas pelo recenseur.

¹³ Sobre traduções diversas para diferentes idiomas (e.g. alemão, castelhano, francês, inglês, italiano, português), realizadas sobretudo desde o século XIX, cf. Beieri 1830; Nisard 1875; Fossataro 1914; Bornecque 1921; Richard 1934; Yon 1964; Hubbell 1969; Nüßlein 1998; Reys Coria 2008; Vieira – Zoppi 2011; Seabra Filho 2013. Relativamente às traduções para língua portuguesa, apresentadas pelos autores citados por último, surgem, num primeiro caso, enquanto tradução bilingue, seguindo-se a uma introdução sumária. A tradução mais recente indicada inclui-se numa obra conjunta de publicação do tratado *Brutus e Perfeição Oratória*. De índole distinta e não obstante a qualidade das versões do opúsculo apresentadas em língua portuguesa, o presente artigo apresenta mais uma tradução (como todas, com autonomia e individualidade), para servir de apoio à tarefa que Cícero afirma ter empreendido e que se encontra de momento em desenvolvimento pela autora (cf. CECH) - tradução dos discursos gregos de Demóstenes (*Pro Ctesiphonte De Corona*) e de Ésquines (*De Ctesiphonte*).

II.
Marco Túlio Cícero

Do melhor género de oradores

I. Diz-se existirem géneros de oradores, assim como de poetas – isso é um erro, pois destes últimos há uma multiplicidade. Com efeito, no respeitante a composições da poesia, tragédia, comédia, épica, e também mélica e ditirâmbica, mais cultivada pelos Gregos do que pelos Latinos, cada qual segue uma forma própria, distinta das restantes. Por conseguinte, na tragédia, o cómico constitui uma imperfeição; e, na comédia, o trágico revela-se algo de torpe; assim também, nos restantes géneros, cada um possui a sua característica própria e uma tonalidade familiar para os entendidos. Porém, se alguém enumerar vários tipos de oradores, considerando uns como nobres, ponderados, ou loquazes; outros como simples, minuciosos ou concisos; outros ainda, posicionados entre os dois tipos, constituindo, assim, um patamar intermédio; faculta uma informação relativa às pessoas e pouco acerca da arte. Ora, na arte, procura-se o que é perfeito; no homem, julga-se apenas o que ele é. Logo, a quem assim parecer, pode apelidar Ênio de expoente máximo na poesia épica, Pacúvio na tragédia, e Cecílio, quiçá, na comédia. Quanto ao orador, não o diferencio por género. Na verdade, procuro o modelo de perfeição. Apenas um representa o género da excelência; os que ficam excluídos não diferem de género, como Ácio de Terêncio, mas, embora na mesma categoria, não se equivalem. O orador perfeito corresponde, pois, àquele que, ao discursar, ensina, delicia e agita as mentes dos ouvintes. Ensinar constitui o seu dever; deleitar, uma oferta sua; demover, uma necessidade. Quanto a estes propósitos, há que reconhecer-se que um é melhor do que o outro; contudo, isso não diz respeito ao género, mas ao grau. A perfeição é apenas uma e o grau seguinte corresponde ao que mais se lhe assemelha. A partir daí, torna-se lógico que o mais afastado do ótimo seja o pior.

II. Com efeito, uma vez que a eloquência passa por palavras e sentidos, ao falarmos de uma forma pura e correta, isto é, à boa maneira latina, deve conseguir acompanhar-se de uma escolha de vocábulos, quer apropriados para o efeito, quer metafóricos. Quanto aos «apropriados», elejamos os mais lautos; no respeitante às «metáforas», usemos de moderação, para nos resguardarmos de comparações despropositadas. Ademais, existem tantos tipos de sentidos quantos eu disse de oratória. A bem ver, os didáticos são acutilantes; os de deleite, quase argutos; os de comoção, profundos. Contudo, denota-se também uma certa estrutura vocabular eficiente em dois aspetos – harmonia e lisura, e as frases têm a sua forma de composição, bem como um ordenamento apropriado para provar cada caso. Mas de todas essas coisas, como se dos edifícios, o alicerce é a memória; a luz, a ação. Portanto, aquele no qual se

constate superioridade em tudo isso será o mais perfeito orador; o que possuir medianamente, será medíocre; quem detiver o mínimo, será o inferior. Ainda assim, apelidar-se-ão todos (à semelhança da forma como se denominam os pintores) oradores, ainda que menores – não diferem de género entre si, mas em termos de habilidades. E, desta forma, não há orador nenhum que não queira assemelhar-se a Demóstenes; porém, Menandro não pretendeu parecer-se a Homero, pois o género era outro. Isto não acontece nos oradores, ou se existe, quando um persegue a ponderação, evita a precisão; outro, na altura em que, pelo contrário, intenta mostrar-se mais acutilante, esconde o adorno estilístico. Então, embora tolerável no género, certamente não é perfeito, caso a perfeição caiba ao que detém todos os predicados.

III. Fui mais breve na minha exposição do que o assunto mereceria, mas, considerando aquilo de que estamos a tratar, não carecia que disséssemos mais. Em virtude de existir um só género, procuramos saber qual é. Com efeito, trata-se do tipo que floresceu em Atenas. A força dos oradores áticos permanece ela própria ignota; a sua glória conhecida. Ora, muitos aperceberam-se desse ponto – de que não há nada de faltoso entre eles. Poucos discerniram o outro aspeto – o muito que se encontra de louvável. De facto, depara-se uma falta num raciocínio, caso se constate algo de absurdo, ou externo, ou sem agudeza; nas palavras, se corrupto, se sem importância, se não apropriado, se terrífico, se despropositado. Isto evitaram quase todos os que, ou se contam entre os áticos, ou falam ático. E, ao tê-lo conseguido, poderão considerar-se sãos e salubres, quais atletas, a quem se permite passearem na palestra, todavia sem pretensões à coroa dos Jogos Olímpicos. Com efeito, embora arredados de todo o vício, não se contentam com uma boa saúde. Buscam antes força, músculos, sangue e uma certa compleição agradável. Imitemo-los, caso possamos; se de menos, imitemos particularmente os detentores de uma sanidade imaculada, o que é próprio dos áticos, mais do que aqueles cuja opulência se mostra danosa, os quais a Ásia facultou em considerável número. E ao fazermos isto – se ao menos conseguirmos alcançá-lo, pois trata-se de algo grandiosíssimo –, copiemos, caso possamos, Lísias e sobretudo a sua simplicidade. Com efeito, em muitos passos, torna-se mais sublime. Mas porque escreveu para causas privadas, para outros e sobre pequenos assuntos, parece ser simples, pois desceu propositadamente ao nível das pequenas causas que abraçou.

IV. Quem age dessa forma, sem poder mostrar uma faceta de maior vigor, como desejaria, consegue, ainda assim, ter-se, por certo, como um orador, contudo, dos menores. De facto, até mesmo um grande orador deve expressar-se frequentemente dessa forma, nesse tipo de causas. Assim, acontece que Demóstenes, por vezes, mostre habilidade em exprimir-se com simplicidade, embora Lísias não seja talvez capaz de chegar à grandiosidade. Mas, caso julguem que foi possível falar em defesa de Milo, como se estivéssemos a discursar numa causa particular, diante de um único júri, quando um exército

se organizou no fórum e em todos os templos circundantes ao fórum, estão a medir o poder de eloquência pelo seu padrão de faculdades, não pela natureza do processo. Já que o discurso de alguns deixou patente que eles próprios falavam à maneira ática, e, de outra parte, que nenhum de nós o faz, não tomemos em consideração os primeiros. Com efeito, os factos em si bastam para lhes responder, pois não se encontram envolvidos em causas e quando estão incluídos tornam-se risíveis. Na realidade, se estimulassem o riso sem serem motivo dele, isso seria uma característica dos áticos. Porém, os que não concordam que nós falamos de modo ático, mas ainda assim não se professam eles próprios oradores, caso tenham bons ouvidos e um inteligente julgar, podem também ser consultados, assim como um pintor, no que toca à figura de um quadro, considera a opinião de indivíduos incapazes de pintar, ainda que não destituídos de agudeza para julgar uma obra. Ora, se depositarem inteligência num ouvido exigente e se nada de sublime ou magnífico lhes agrada, então que digam pretender algo de subtil e bastante polido e que desprezam a grande ornamentação. Em verdade, deixem de afirmar que aqueles que se expressam corretamente são apenas os que falam de modo ático, com concisão e de forma escurra. Falar de forma íntegra, ampla e ornada mostra-se de modo igualmente impoluto, o que é próprio dos áticos. O quê? Há dúvida se queremos que o nosso discurso seja apenas tolerável ou também admirável? Com efeito, não estamos agora a indagar que falar é o ático, mas qual é o melhor. E a partir disto se percebe que, em virtude de os atenienses terem sido os melhores oradores gregos, e de Demóstenes se destacar, sem comparação, como o seu expoente máximo; quem os imitar, falará de maneira ática e da melhor forma: porquanto os oradores áticos nos são recomendados como modelos a imitar, falar bem consiste em falar de modo ático.

V. Mas como existiu um grande erro sobre qual o tipo de eloquência de que se tratava, julguei que me competia um labor útil aos estudiosos, ainda que não necessário para mim. Com efeito, traduzi os mais ilustres discursos dos dois oradores áticos mais eloquentes, contrários entre si: de Ésquines e Demóstenes. Não os converti como intérprete, mas enquanto orador, com as mesmas ideias, e as suas formas e figuras, em palavras condicentes com a nossa maneira de expressão tradicional. Ao fazê-lo, não considerei imperioso apresentar palavra por palavra. Contudo, conservei por inteiro o género e a força dos vocábulos. Na realidade, não julguei importante apresentar o mesmo número de palavras, mas antes o seu peso. Este meu trabalho terá o seguinte resultado: que os nossos concidadãos entendam o que exigir daqueles que pretendem dizer-se eles próprios áticos e que voltem a chamá-los àquela forma de eloquência.

«Porém Tucídides vai elevar-se: é que alguns admiram a sua eloquência». E eles estão certos, mas não há nada que o aproxime a um orador, que é quem procuramos. Pois uma coisa é explanar as gestas humanas numa narração, outra,

numa argumentação, incriminar ou dissipar a culpa. Uma coisa é conservar o ouvinte numa narração, outra emocionar. «Todavia o seu estilo de falar é belo». Agora, é melhor do que Platão? Em todo o caso, torna-se necessário, para o orador de que estamos à procura, lidar com disputas forenses num estilo pronto para ensinar, para deleitar, para demover. VI. Por conseguinte, se existir alguém que professe vir a apresentar causas no fórum com o estilo de Tucídides, há de tirar a mínima dúvida de que seja versado na causa civil ou forense; mas se louvar Tucídides, acresça a nossa opinião à sua. Mais ainda, quanto ao próprio Isócrates, que aquele autor divinal, Platão, praticamente seu contemporâneo, apresentou, no *Fedro*, a receber admiráveis louvores da parte de Sócrates, e que todos os doutos apelidaram de sumo orador, nem mesmo ele coloco nesse número. Com efeito, não se debruça sobre o combate, ou sobre o férreo gládio, mas o seu discurso é ilusório, como os artefactos bélicos de treino¹⁴. Quanto a mim, no intuito de comparar grandes coisas com pequenas, irei apresentar o mais nobre par de gladiadores: Ésquines, como Esernino, não um ‘homem qualquer’, conforme refere Lucílio, mas antes destemido e douto, “dispõe-se aqui juntamente com Pacideiano, de longe o melhor, desde o alvor da raça humana”. Com efeito, não julgo nada que possa pensar-se mais divino do que aquele orador. A este nosso labor colocam-se dois tipos de objeções. A primeira é esta: “Na verdade, os gregos são melhores!”. Poderia questionar-se: “Porventura os mesmos seriam os melhores, se [redigidos] em latim?” A outra: “Porque iria eu preferir ler estes [discursos], aos gregos?” Precisamente esses leem a *Andria* e *Sinéfebo*, da mesma forma que as latinas *Andrómaca* ou *Etiópia* ou *Epígno*; leem outrossim Pacúvio e também Ácio, mais do que Eurípides e Sófocles; leem mais Terêncio e Cecílio do que Menandro. Logo, qual a razão do seu desprezo pelos discursos traduzidos do grego, quando não existe nenhum face aos versos?

VII. Mas cheguemos agora ao que pretendemos, logo que tenha exposto primeiramente a causa levada perante o juízo. Existia uma lei em Atenas – “Que ninguém do povo fizesse um decreto mediante o qual um indivíduo fosse presenteado com uma coroa enquanto magistrado, antes de submeter os relatórios”; e outra lei, dizendo que “quanto àqueles que tivessem sido gratificados pelo povo, deveriam receber as gratificações em assembleia; os que pelo senado, no senado”. Demóstenes foi designado curador das reparações dos muros e fê-lo com o seu próprio dinheiro. Ora, por esse motivo, Ctesifonte apresentou um decreto, sem ter sido apresentado um relatório por aquele [Demóstenes], para que uma coroa de ouro lhe fosse presenteada e que essa doação se fizesse no teatro, em assembleia popular, embora não se

¹⁴ Usados para o treino bélico.

tratasse do lugar de uma assembleia legal; e ficasse assim proclamado haver recebido a doação pela virtude e benevolência manifestada para com o povo ateniense. Então, Ésquines levou esse tal Ctesifonte a tribunal, porque se elaborara uma disposição contrária às leis, de modo a entregar-se uma coroa, sem que tivessem sido apresentados os relatórios, e que a cerimónia decorresse no teatro e também porque apresentara falsas afirmações a respeito da virtude daquele e da sua benevolência, quando Demóstenes não era um homem bom, nem servira bem a cidade. Esta causa afasta-se do padrão da nossa prática tradicional, mas é importante. Com efeito, envolve uma interpretação das leis, de uma e de outra perspectiva, suficientemente perspicaz, além de um contencioso bastante detalhado a respeito dos préstimos prestados a serviço da república. Assim se revelou a causa de Ésquines. Uma vez que ele próprio havia sido acusado de uma falta capital por Demóstenes, a propósito de ter mentido sobre uma embaixada, levou a tribunal, no intuito de vingar-se do seu inimigo, um processo em nome de Ctesifonte, a respeito das ações e da fama de Demóstenes. Ora, não se adiantou tanto relativamente ao que não foi declarado, como a propósito do facto de um cidadão pernicioso ter recebido tributos, como se fosse de excelência. Ésquines requereu este julgamento a Ctesifonte um quadriênio antes da morte de Filipe da Macedónia, mas o juízo foi tomado alguns anos depois, já com Alexandre senhor da Ásia. Diz-se, todavia, que de toda a Grécia acorreu gente para o julgamento. Pois então, que haveria de melhor, para ver ou ouvir, do que o dissídio dos dois maiores oradores numa causa gravíssima, espicaçada e acesa pelas inimizades? Se eu, como espero, apresentar os seus discursos, mantendo todas as suas virtudes, ou seja, os seus pensamentos e o seu estilo, bem como a sua ordem de apresentação dos factos, seguindo de perto as suas palavras, mas apenas até ao ponto de não se revelarem inconsistentes com o nosso costume (e pese embora pudesse não estar ponto por ponto traduzido do grego, ainda assim esforçámo-nos para que se mantivesse o mesmo género), passará a haver uma norma de orientação dos discursos dos que desejem discursar à maneira Ática. Mas já dissemos muito de nós: ouçamos, pois, finalmente, o próprio Ésquines a falar em latim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEIERI, C. (1830). *M. Tullii Ciceronis. Orator, Brutus, Topica, De Optimo Genere Oratorum*, Turici, Typis Orellii: 440-458.
- BIDDLE, W. (1881). *Two Orations on the Crown: Aeschines and Demosthenes*. Philadelphia, J.B. Lippincott and Co.
- BORNECQUE, H. (1921). *Cicero. Orator et De Optimo Genere Oratorum*, Paris, Les Belles Lettres.

- CHAMPLIN, J. (1850). *Aeschines against Ctesiphon*. Com. Cambridge, John Bartlett.
- COOK, B. (2009). "Athenian Terms of Civic Praise in the 330s: Aeschines vs. Demosthenes", *GRBS* 49 31-52.
- COOPER, C. (2004). "Demosthenes, Actor on the Political and Forensic Stage" in C. Mackie, ed. *Oral Performance and Its Context*. Leiden, Brill 145-162.
- CURCIO, G. (1900). *Le opere retoriche di M. Tullio Cicerone studio critico*. Acireale, Etna.
- DOMINIK, W.; HALL, J. eds. (2006). *Blackwell Companion to Roman Rhetoric*. Oxford, Blackwell.
- DOMINIK, W. ed. (1997). *Roman Eloquence: Rhetoric in Society and Literature*. London, New York, Routledge.
- FOSSATARO, P. (1914). *Cicerone. Della Forma Perfetta di Eloquenza*, Città di Castello, Casa Tipografico-Editrice.
- GWATKIN Jr., W. (1957). "The Legal Arguments in Aischines' against Ktesiphon and Demosthenes' on the Crown", *Hesperia* 26.2 129-141.
- HANSEN, M. (1987). *The Athenian Assembly in the age of Demosthenes*. Oxford, New York, B. Blackwell.
- HARRIS, E.; RUBINSTEIN, L. eds. (2004). *The Law and the Courts in Ancient Greece*. London, Duckworth.
- HARRIS, E. (1985). *Aeschines and Athenian Politics*. New York, Oxford, Oxford UP.
- HENDRICKSON, G. (1926). "Cicero de Optimo Genere Oratorum", *AJPh* 47.2 109-123.
- HUBBELL, H. (1969). "Cicero: De Inventione, De Optimo Genere Oratorum, Topica", London, William Heinemann Ltd: 349-72.
- IPPOLITO, A. (1998). *Ciceronis De optimo genere oratorum*, edidit, commentario critico instruxit. Palermo, L'Epos.
- JAHN, M. (1886). *Ciceron et ses ennemis litteraires ou Le Brutus, L' Orator et Le De Optimo Genere Oratorum*. Paris, Librairie Klincksieck.
- JAHN, O. (1886). *Cicéron et ses ennemis littéraires, ou, Le Brutis, L'Orator et le De optimo genere oratorum*. Paris, C. Klincksieck.
- LAUSBERG, H. (1993). *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LIDDEL, P. (2007). *Civic Obligation and Individual Liberty in Ancient Athens*. Oxford, Oxford University Press.
- NISARD, M. (1875). *Cicéron. Oeuvres Completes*, 1, Paris, Firmin Didot Frères: 536-540.

- NÜSSLEIN, T. (1998). *Cicero. Über die Auffindung des Stoffes/Über die Auffindung des Stoffes*, Düsseldorf/Zürich, Artemis & Winkler.
- PERNOT, L. (2000). *La Rhétorique dans l'Antiquité*, Paris: Librairie générale française.
- PERNOT, L. (2002). "La survie de Démosthène et la contestation de la figure de l'Orateur dans le monde gréco-romain", *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 146.2 615-636.
- PREUS, C. (2012). *The art of Aeschines: anti-rhetorical argumentation in the speeches of Aeschines*. Tese Dout. Iowa, University of Iowa.
- REYS CORIA, B. (2008). CICERÓN. *Del óptimo género de los oradores*. Introducción, traducción y notas, México, Universidad Nacional Autónoma del México.
- RICHARD, F. (1934). *Cicero. Brutus et la Perfection Oratoire*, Paris, Classiques Granier.
- SEABRA FILHO, J. (2013). *Cícero, Marco Túlio. Brutus e A Perfeição oratória*, Belo Horizonte, Edições Nova Acrópole.
- SEELE, A. (1996). "Römische Übersetzer. Nöte, Freibeiten, Absichten. Verfahren des literarischen Übersetzens in der griechisch-römischen Antike", *RBP* 74.1 186-188.
- SHUNMUGAM, N. (1965). *The Ars Poetica Of Horace Compared With Aristotle's Art Of Poetry, Including A Study Of The Source Of Horace's Ars Poetica*, tese Mest., University of The Witwatersrand s.l.
- USHER, S. (1999). *Greek Oratory: Tradition and Originality*. Oxford, Oxford University Press.
- VIEIRA, V., ZOPPI, P. (2011). "Marco Túlio Cícero. *De Optimo Genere Oratorum*", *Scientia Traditionis* 10: 4-15.
- WHITEHEAD, D. (1993). "Cardinal Virtues: The Language of Public Approbation in Democratic Athens", *C&M* 44 37-75.
- WOOTEN, C. (1979). "The Nature of Form in Demosthenes' *de Corona*", *CW* 72.6 321-327.
- YON, A. (1964). CICÉRON. *L'orateur. Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit, Paris, Les Belles Lettres.